

Dorva, Dorvalina Baptista de Mattos Granjeiro: Um Exemplo de Força, Coragem e Determinação

Joselita Cármen Alves de Araújo Nobre <josienobre@gmail.com>

Fundação Allan Kardec – FAK

Resumo – Este artigo tem o objetivo de apresentar notícias da pioneira do Espiritismo amazonense Dorvalina Baptista de Mattos Granjeiro, que foi um exemplo de força, coragem e determinação. De família tradicional, nasceu em Óbidos (PA), chegou em Manaus (AM) ainda criança. Teve uma formação plural, estudando desenho, pintura, línguas estrangeiras. Formou-se normalista, atuou na educação infantil e apesar dos problemas de saúde, aposentou-se após 30 anos de magistério. A sua vida social foi intensa e o seu casamento aconteceu aos 31 anos de idade, com um viúvo que trazia consigo quatro filhos. O casal teve duas filhas Virgínia e Thereza, criando os enteados e as filhas com o mesmo zelo. Ficou viúva, depois enfrentou a doença e o desencarne da filha Virgínia, assumindo a criação dos quatro netos, conduzindo-os até o casamento. Manteve a sua ligação com o Espiritismo desde o início do século XX, até a sua passagem para a pátria espiritual. Atuou na diretoria da Federação Espirita Amazonense no cargo de secretária, função até então exercida por homens, como também teve ações na Comissão de Assistência aos Necessitados. Na sua vida, a prática da caridade e o amor ao próximo sempre estiveram presentes.

Palavras-chave – Espiritismo. Pioneira. Federação Espírita. Professora. Caridade.

1. INTRODUÇÃO

Desde o início das pesquisas históricas sobre os pioneiros do Espiritismo no Amazonas, verificou-se que muitos homens tiveram destaque na implantação da novel Doutrina nas terras amazônicas, inclusive na composição do quadro diretivo da Federação Espírita Amazonense (FEA). Entretanto, observou-se que alguns nomes de mulheres foram surgindo, de forma singela. A maioria delas possuía vínculos familiares com as lideranças masculinas e desempenhavam as ações de caridade vinculadas àquela instituição. O interesse por essas mulheres deu origem ao artigo apresentado por Nobre e Nunes, no V Simpósio FAK¹.

No decorrer da pesquisa supracitada, o nome da Dorvalina Baptista passou a chamar a atenção da pesquisadora, que perquiria intimamente sobre aquela mulher que adentrou na Federativa pela Comissão de Assistência aos Necessitados, e no ano seguinte já ocupava um cargo na mesa diretora, chegando a atuar como primeira secretária, cargo antes ocupado apenas por senhores.

Quem foi Dorvalina? Quais as suas atividades como mulher espírita? Quais ações no bem desenvolveu? O que ela representou para a sua família? Portanto, o objetivo deste artigo é apresentar notícias da pioneira do Espiritismo no Amazonas, Dorvalina Baptista de Mattos Granjeiro, que foi para aqueles que a conheceram um exemplo de força, coragem e determinação.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, e para a sua elaboração buscou-se informações nas publicações dos jornais da época, disponibilizados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e

¹ NOBRE, Joselita C A de A; NUNES, Lenara B M de P. *As Pioneiras: A Atuação Feminina nos Primórdios do Espiritismo no Amazonas*. In: V Simpósio FAK: Espíritas na Amazônia: suas buscas nas realizações do passado e do presente, e nas motivações para o futuro. Manaus: Fundação Allan Kardec, 2017.

na leitura de documentos oficiais. As notícias sobre a sua atuação no Movimento Espírita amazonense foram encontradas nas atas da FEA.

A complementação das informações pessoais foi realizada por meio de buscas nas mídias sociais, rastreando-se pessoas com sobrenome similar, no sentido de se encontrar algum descendente. A ponte entre o passado e o presente foi a procura por algum familiar da sua filha Virginia [Baptista] Granjeiro Cantanhede. Encontrou-se Lia [Leonilia] Cantanhede Granjeiro, que na sua rede social tinha uma amiga em comum com a pesquisadora: Glícia Braga, trabalhadora da Diretoria de Apoio a Melhoria Interior, da Fundação Allan Kardec. E, com a sua intermediação, foram iniciados os contatos com os descendentes de Dorvalina: a neta Leonilia e a bisneta Alessandra [Alessa] Cantanhede, que atualmente moram na cidade de Caçapava, no estado de São Paulo.

Optou-se, nas transcrições das citações da época, pela manutenção das regras ortográficas então vigentes, para manter a fidelidade dos relatos.

2. A TRAJETÓRIA DE DORVALINA

2.1. BIOGRAFIA

Uma paraense que amava o Amazonas. Nasceu na cidade de Óbidos (PA), veio para o Amazonas ainda criança, e o incorporou como seu estado natal. Segundo a neta Alessandra Granjeiro: “A Bisa Dorva nasceu em 7 de Agosto de 1889, em Óbidos, estado do Pará. Apesar de ter nascido em uma cidade Paraense, ela sempre dizia que era amazonense, pois tinha orgulho do estado onde foi criada”[1].

Seus aniversários eram registrados nas colunas sociais, por pertencer a uma família tradicional [2]. Aqui teve uma vida longa e profícua, desencarnado aos 91 anos, na cidade de Manaus (AM), estando o seu túmulo no Cemitério São João Batista, ao lado do esposo e de um neto,

Sua data de falecimento foi em 1980, [...] por uma parada cardiorrespiratória após sofrer um abalo emocional quando soube que sua casa, na Rua Monsenhor Coutinho nº 107, iria ser vendida. Ela tinha muita estima por essa residência, pois foi onde o Bispo Chiquito [Francisco de Mattos Granjeiro] viveu seus últimos dias antes de seu desencarne e também foi onde ela passou seus últimos dias.

Infelizmente não sabemos o número de seu túmulo, mas minha mãe explicou que fica próximo a entrada pela Av. Maceió e no jazigo da Família Grangeiro também estão enterrados, além dela, o Bispo Chiquito e meu Tio Jorge Anibal Grangeiro Cantanhede, irmão da minha mãe [1].

2.1.1. Familiares: pais e irmãos

Seus antepassados chegaram ao Amazonas, por ocasião da instalação da *Província* do Amazonas, que ocorreu em 1º de janeiro de 1852. A província foi criada pela Lei Imperial nº 1592, a 5 de setembro de 1850, tornando-se a Vila da Barra do Rio Negro [3].

Seu avô, **José Antonio Barrozo**, foi um dos instaladores da Província [4] e atuou na Assembleia Legislativa Provincial [5], chegando a ser membro da Comissão Diretora [6]. E um dos nomes mais votados para vereador, apresentando Barrozo e Guilherme Moreira [7]. No ano de 1872, atuava na vereança ao lado de Leonardo Antonio Malcher.[8].

Barrozo era um homem de posses, no lançamento dos impostos, publicado no “Estrella do Amazonas”, no ano de 1858, tinha um imóvel em seu nome na Rua Formosa [9]. Possuía outros bens, tendo sido nomeada uma rua, na área central da capital amazonense em sua homenagem:

“Quanto a residência onde a Bisa Dorva morou quando solteira, realmente ficava na Rua Barroso a qual foi nomeada em homenagem ao meu Tataravô devido ao fato da rua ser conhecida como ‘Rua dos Barrosos’, uma vez que toda a Família Barroso ali morava” [1].

Dorvalina era filha de uma família tradicional e muito respeitada, os **seus pais** foram a **Sra. Virginia Barroso Baptista e o Sr. Luiz Anselmo Baptista.**

Virginia de Barros Barroso, era amazonense e passou a chamar-se Virginia Barroso Baptista, após o casamento. Tem-se informações de uma prole com sete filhos: Oswaldo, Zolá, Julia, Mileto, Sebastião, Dorvalina e Nilo. Ela nasceu no dia 05 de março de 1845. Pela posição social, o seu natalício, era bastante noticiado [10]. Numa coluna social, no “Correio do Norte”, de 5 de março de 1906, publicou-se a comemoração dos seus 51 anos de idade: “Completo hontem 51 annos a sra. Virginia Barroso Baptista, mãe do sr. Oswaldo Baptista, auxiliar desta redação” [11].

Dona Virginia foi uma mulher religiosa e atuante, no ano de 1882, professava o catolicismo, pois no programa publicado sobre os festejos da padroeira, atuava como mordoma da novena de Nossa Senhora dos Remédios [12].

Não sabemos a época de sua aproximação da Doutrina Espírita, mas no início do século XX, foi membro da Comissão de Assistência aos Necessitados da FEA, desde a sua criação no ano de 1906 até o ano de 1916, enquanto permitiu a sua resistência [13,14,15,16,17,18,19,20,21,22], pois, apesar dos registros da sua saúde debilitada, desde o ano de 1915; só parou de atuar nesta comissão, no ano de 1917, quando ocorreu o seu passamento para a pátria espiritual, conforme os registros a seguir:

Acha-se enferma, dona Virginia de Barros Baptista, genitora do sr. Nilo Baptista, funcionario da Escola Normal [23].

Acha-se bastante enferma, há alguns dias, dona Virginia de Barros Baptista, progenitora do sr. Nilo Baptista, amanuense da Escola Normal [24]

A cidade foi hontem abalada com a noticia do fallecimento, em sua residência a rua Barroso, n. 6, a veneranda sra. d. Virginia de Barros Baptista, pertencente a uma das mais antigas famílias desta capital.

Dona Virginia de Barros Baptista era filha do sr. Jose Antonio Barroso, um dos installadores da provincia do Amazonas, contava com 63 annos de idade; natural deste Estado, e viúva do capitão Luiz Anselmo Baptista, antigo membro da Assembleia Provincial, era mãe dos srs. Sebastião Norberto Baptista, industrial, residente em Uricurituba; Nilo Baptista, amanuense, da escola Normal; Mileto Anselmo Baptista, professor publico de Maues; e da sra. Julia Baptista, professora publica, e senhorita Durvalina Baptista, professora do Grupo Gonçalves Dias. [...] [25].

No ano de 1908, a Sra. Virginia não esteve presente na referida Comissão, e parece ter atuado como médium na Federativa. Tal ilação decorre do registro em ata, por ocasião da sessão comemorativa da paixão de Cristo, ocorrida no mês de abril daquele ano, e durante as atividades mediúnicas: [...] “A mediun Virginia viu o espirito de uma mulher coberta com um véu e vestida de branco abrir a mao e deixar e cahir sobre a mesa um foco de luz” [...] [26].

Luiz Anselmo Baptista, o seu pai, da mesma forma que o seu avô Barroso, foi um homem de destaque na sociedade amazonense. Filho de Miguel Gabriel Batista, Luiz nasceu no ano de 1844, e residia na Travessa do Barroso, número 2 [27]. Desencarnou no início dos anos de 1900, pois no ano de 1905 a sua residência apareceu como pertencente aos herdeiros, numa publicação da Intendência Municipal [28].

Como a maioria dos homens daquela época, Baptista foi membro da Guarda Nacional, passando pelas patentes de 2.º sargento, tenente, e capitão [29,30,31]; também atuou como jurado [32].

Numa publicação do “Amasonas”, trazendo a lista de cidadãos que foram votados pela assembleia paroquial da igreja de N. S. dos Remédios [igreja da matriz na época] para serem eleitores da capital, Baptista está presente, juntamente com figuras proeminentes da história amazonense, como: José Coelho de Miranda Leão, Clementino José Pereira Guimarães, Emilio José Moreira, Guilherme José Moreira, Gentil Augusto Bittencourt, Francisco Ferreira de Lima Bacury [33].

Na vida profissional atuou como escrivão da Fazenda da Recebedoria Provincial do Amazonas [34]; sendo promovido, no ano de 1869, para chefe de seção da Thesouraria Provincial [35]. Foi eleito vereador nos idos de 1872 [36]; no ano de 1880, atuou como membro da Assembleia Provincial [37], e em 1891 foi “nomeado [...] superintendente de Manicoré” [38]. Também atuou como professor de uma escola noturna,

As expensas da Camara Municipal funcionarão nesta capital escolas noturnas divididas pelos três bairros da cidade e cuja frequência não deixa de ser linsojeira, conforme informações ministradas pela direção geral da Instrução Publica.

Também foi ultimamente creada uma escola nocturna nesta capital sob a regência dos professores Nicoláo Tolentino e Luiz Anselmo Baptista [39].

Como cidadão, colaborava com obras de caridade. Numa promoção de *Ball Masqué*, cuja renda seria doada a Sociedade de Instrução e Caridade Atheneu das Artes, seu nome apareceu na lista dos compradores de bilhetes ao lado de Joachim Leovigildo de Souza Coelho [40].

Prezava pela liberdade dos homens, pois em 1884 fez parte de uma sociedade abolicionista, conforme registado nos Estatutos da “Sociedade 1.º de Janeiro”, criada na paróquia N. S. dos Remédios, no qual dizia que: “na cidade de Manaus, uma sociedade abolicionista, com o fim exclusivo de cuidar da redempção dos escravos do valle do Amazonas” [41].

Não se encontrou muitas informações em relação aos irmãos da Dorvalina. A princípio, pensou-se que os descendentes de Virginia e Luiz Anselmo eram apenas aqueles que constavam no obituário da matriarca: **Julia, Mileto, Sebastião, Dorvalina e Nilo**. Depois descobriu-se a existência de mais dois: o **Oswaldo** e o **Zolá**, já desencarnados por ocasião da sua passagem para o outro plano.

As notícias sobre **Oswaldo Baptista** foram encontradas no periódico “Correio do Norte”, e na ocasião das publicações ele já se encontrava na pátria espiritual, como no anúncio do aniversário da sua mãe, publicado no ano de 1911: “Passa hoje a data natalícia da veneranda sra. Dona Virginia de Barros Baptista, mae dos nossos esforçados auxiliares capitão Sebastiao Baptista, normalista Mileto Baptista e do inesquecível companheiro que se chamou Oswaldo Baptista” [42].

Em outro momento, o periódico acima citado, manteve uma campanha durante 15 meses, publicada por 120 edições, iniciada no dia 4 de Junho 1909 e encerrada no dia 8 de Setembro de 1910. Foram arrecadados 1:125\$000 contos de réis. A campanha tinha a finalidade de arrecadar fundos para a construção do mausoléu em sua homenagem. No texto, ficou registrado que Oswaldo foi assassinado, no dia 3 de julho de 1906, dentro da redação do jornal, supostamente a mando de Constantino Nery², que aquela época era o governador do Amazonas:

² Antônio **Constantino Neri** (Manaus, 20 de dezembro de 1859 - Belém, 1926) militar e político ítalo-brasileiro. Foi presidente do estado do Amazonas e senador durante a República Velha (ou Primeira República). Assumiu o governo

Mausoléu.

Um apelo ao publico

O Correio do Norte quer fazer construir um mausoléu, aonde irão repousar os despojos de Osvaldo Baptista, o moço trabalhador e honesto que os faccinoras do sr. Constantino Nery traiçoeiramente trucidaram na redação deste jornal, na tarde de 3 de julho de 1906.

Quer, porem, que esse monumento, modesto mais significativo, seja a expressão da commovida piedade do povo desta terra, cuja grande alma generosa e justiceira soube profundamente lamentar essa desgraça e soube amargamente verberar esse crime.

Fazemos, pois, d'aqui um apelo a todos aquelles que, no Amazonas, ainda tem coração para comover-se e ainda tem consciência para indignar-se [43].

Em relação a **Zolá Baptista**, o irmão mais novo, não foram localizadas notícias nos jornais, mas a sua existência foi citada pela sobrinha-neta Leonilia Granjeiro, ao passar as informações sobre a sua avó Dorvalina: “Mulher guerreira a D. Virginia viúva com os filhos pequenos, o mais novo, Zolá, morreu jovem com 15 anos” [...] [44].

Julia Baptista [Ferreira] parece ter contraído matrimônio, pelo acréscimo do sobrenome Ferreira e atuou como professora na cidade de Codajás, estado do Amazonas, conforme publicações encontradas no período de 1917 a 1927 [45,46].

Sebastiao Norberto Baptista foi um homem combativo. No final do século XIX, fez o alistamento militar e tinha a patente de capitão [47,48]. Foi nomeado como conferente de rendas na Coletoria de Uricurituba (AM), no dia 7 de dezembro de 1900 [49,50], e também trabalhou na Coletoria da cidade de Maués (AM). Atuou como gerente do jornal “Correio do Norte” [51].

Em relação a sua família, sabe-se que foi casado com Josephina Ponce Baptista e o casal teve pelo menos um filho, chamado Hymerio Baptista [52,53].

Sebastião atuou na política partidária e sofreu ameaças de adversários ao tomar posse no cargo de superintendente municipal na cidade de Uricurituba, no interior do Amazonas. [54]. No depoimento da sobrinha-neta Leonilia, foi dito que Sebastião era o irmão mais velho de Dorvalina, e que ele foi assassinado: “Seu irmão mais velho era Senador da República, Sabá, foi assassinado, a família sofreu muito” [44]. Não foram encontradas referências sobre essa questão, mas como todas as demais informações prestadas foram confirmadas, deixou-se o registro.

Mileto Anselmo Baptista foi aprovado no curso secundário e estudou no Gymnasio Amazonense [55,56,57]. Deve ter concluído o curso normal, pois existem registros dele enviando documentos para a Instrução Pública [58], além de ter sido nomeado como professor substituto das escolas de Maués [59]. Foi aprovado em primeiro lugar em concurso público, como guarda da Alfandega [60], mas não se encontrou o registro de sua atuação nessa área. Também foi atirador do Tiro Naval [61].

As memórias da sobrinha-neta Leonilia, a seu respeito, são bastante inspiradoras:

Mileto rapaz da sociedade trabalhou no jornal e era escritor, fazia teatro com a criançada, era espírita e pensador, adorava os concertos no Teatro Amazonas. Tia

Tetê contava as estórias que ele contava e o admirava muito com o seu terno branco e chapéu. Ia almoçar todos os domingos na casa da vovó na Joaquim Sarmiento, casarão de 5 janelas, que até hoje patrimônio histórico continua firme. Hoje acho que é uma farmácia de manipulação.

Vovó morou lá até os 15 anos da mamãe e o casamento da tia Hilda, uma festa maravilhosa, as sobrinhas fizeram as decorações [44].

A presença de Mileto em evento social foi registrada, ao comparecer no embarque de Heliodoro Balbi, por ocasião da ida do político à capital federal para reivindicar o seu reconhecimento como representante do povo amazonense. Lá estavam Álvaro Gonçalves, Antonio Lucullo, Carlos Theodoro³ e seu irmão Joaquim F. de Paula. Os três últimos foram pioneiros do Espiritismo do Amazonas [62].

Sua simpatia pelo Espiritismo pode ser confirmada quando Mileto apareceu na FEA, para uma sessão comemorativa ao desencarne de Bernardo d’Almeida, realizada no dia 21 de fevereiro de 1916, na qual estavam presentes os seus familiares: mãe Virginia e os seus irmãos Nilo e Dorvalina [22].

Nilo Amazonas Barrozo Baptista parece que teve uma vida muito interessante, do ponto de vista cultural. Foi nomeado para o cargo de amanuense⁴ da Escola Normal [63], em 3 de Outubro de 1900. Atuou como jornalista, sendo parte do corpo de redação dos jornais Correio do Norte, Jornal do Commercio e Diário do Amazonas [64]. Iniciou o curso de Agronomia, da Escola Universitária Livre de Manáos, em 1912 [65].

Nilo foi espírita atuante, participou da inauguração do Templo da Verdade [66], e exerceu a função de 1.º ou 2.º secretário da FEA, de 1912 a 1917 [18,19,20,21,67]. Foi eleito para o biênio 1934-1935 [68]. Pela sua presença durante anos seguidos na Federativa, poderá ter a sua biografia aprofundada para melhor compreensão da sua contribuição na sociedade e no Movimento Espírita Amazonense.

2.1.2. Casamento e descendentes

Francisco de Mattos Granjeiro, seu esposo, nasceu no dia 22 de abril de 1875 [69], uma vez que por ocasião do alistamento militar realizado em 20 de maio de 1897, contava com 22 anos de idade, era solteiro, comerciante e residia na capital [70]. Segundo a bisneta Alessandra: “faleceu em Abril de 1958, mas como minha mãe tinha apenas quatro anos na época, ela não sabe a causa de seu desencarne” [1]. Leonília confirma que a doença de Francisco e a sua passagem para o outro plano abalaram as emoções de Dorvalina: “[...] teve um tempo muito difícil, que ela passou com a doença do vovô até a sua morte... eu tinha 4 anos nesse tempo, ela ficou muito triste, e tio Lúcio que, morava em Fortaleza, chamou para ela passar uns meses lá”[44].

Filho de família abastada, a sua mãe Thereza de Mattos Granjeiro, desencarnou no estado do Maranhão, em julho de 1889, conforme notícia do jornal “A Federação” [71]. Seu pai, Manoel Antonio Granjeiro, teve destaque na sociedade amazonense, residia na Praça General Osorio [72], foi Intendente de Manaus [73], construtor e capitalista. Sua proposta para a Construção da Ponte Igarapé

³ NOBRE, Joselita C A de A. *Coronel Carlos Theodoro Gonçalves: O Intrépido Pioneiro do Espiritismo no Amazonas*. In: III Simpósio FAK: O espiritismo nas terras amazônicas: origens, realizações e compromissos. Manaus: Fundação Allan Kardec, 2015.

⁴ **Amanuense** ou **copista** é aquele que copia textos ou documentos à mão. A palavra provém do latim *amanuensis*, por sua vez derivado da expressão latina "*ab manu*" (à mão). Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Amanuense>>. Acesso em: 29 Mai 2019.

de Manaus⁵ foi a escolhida, por ter apresentado o menor preço [74]. Desencarnou em 19 de novembro de 1921, em sua chácara *Saint Clou*, na cidade de Fortaleza (CE). A publicação da notícia de sua morte resume a sua biografia:

Tellegrama hontem recebido [...] trouxe-nos a dolorosa notícia de haver falecido [...] o abastado capitalista, coronel Manoel Antonio Granjeiro [...] tendo sido superintendente de Manáos e deputado estadual.

Nascera em Missão Velha, no Ceará e contava com sessenta e oito annos de idade. [...]

Do seu primeiro consórcio com Thereza de Mattos Granjeiro, deixou os seguintes filhos: José de Mattos Granjeiro, cirurgião dentista; Francisco de Mattos Granjeiro, funcionario federal; Aristoteles de Mattos Granjeiro, Manoel Antonio Granjeiro Filho e Antonio de Mattos Granjeiro, agrimensores; Diogenes de Mattos Granjeiro, funcionario do commercio; D. Zusette Granjeiro Hartge; D. Beatriz de Mattos Granjeiro, solteira; e Dona Izabel Granjeiro de Almeida, esposa do desembargador Bonifácio de Almeida.

Do segundo consorcio com D. Adelia Marietta do Couto Granjeiro, deixou os seguintes filhos menores: Emmanuel, René, Paulo, Mary, Myriam e Myrtes do Couto Granjeiro [75].

Francisco prestou os exames gerais preparatórios para o Liceu Amazonense, ao lado de eminentes amazonenses como Jonathas Pedroza e Heliodoro Balby [76]. Foi nomeado em 13 de fevereiro de 1912, como amanuense da Chefatura de Polícia do estado do Amazonas [77].

A notícia do enterro de seu filho Julio Francisco Granjeiro, no ano de 1917 [78], levou a ilação de que a sua união com Dorvalina, poderia ter sido em segundas núpcias. Fato confirmado pela bisneta Alessandra Granjeiro:

Meu Biso Francisco de Mattos Granjeiro casou-se anteriormente com a Sra. Maria Falcão Granjeiro, [...] não sabemos a causa de sua morte. Ao ficar viúvo, biso ficou com seus quatro filhos de seu primeiro casamento: Ilda Falcão Granjeiro (após casada tornou-se Ilda Granjeiro Quintela), Tito Falcão Granjeiro, Lauro Falcão Granjeiro e Lúcio Falcão Granjeiro. Após isso que ele veio a casar-se com a Bisa Dorva [1].

No ano de 1918, na ata da reunião de diretoria da FEA, como era o rito naquela época, Granjeiro foi indicado por Elesbão Filgueiras como sócio contribuinte da Federativa [79]. O casamento com a Dorvalina aconteceu dois anos depois, suscitando a ideia de que ambos se aproximaram a partir dessa época:

D. Dorva casada com Francisco de Mattos Granjeiro, filho do Manoel Antonio Granjeiro que foi um dos engenheiros da ponte de ferro da 7 de setembro e intendente de Manaus, [Francisco] estudou na Itália música, tocava piano e violino, veio para o Amazonas e trabalhou nos Correios, era chefe do correio marítimo, percorria o interior levando cartas [44].

⁵ A Ponte Benjamin Constant, também conhecida como Ponte Metálica, localizada na av. 7 de Setembro, sobre o igarapé do Mestre Chico, no bairro da Cachoeirinha em Manaus (AM), foi construída no período de 1892 a 1895 com peças importadas da Inglaterra. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte_P%C3%AAsilBenjamin_Constant>. Acesso em: 29 Mai 2019.

O viúvo Francisco, da mesma forma que Dorvalina, falava outros idiomas, era um homem culto, apreciador da música e das artes; estes predicados devem o ter tornado atraente para aquela mulher madura, pois ela contava com 31 anos quando se casou, idade bastante tardia para a época:

Ela [Dorvalina] falava muito bem o francês, e o português muito bem pontuado. Quando tinha jogo do Brasil cantávamos o Hino Nacional e o da França. A música que mais gostava era “Fascinação”.

Eu aprendi muito com ela: as lições, palavras cruzadas, crochê, ponto cruz, bordado em pano de prato [...] [44].

O encontro dessas duas almas, Francisco e Dorvalina, foi sacramentado com a cerimônia de casamento, ocorrida no dia 05 de fevereiro de 1920. Dorva, como era carinhosamente chamada, passou a compartilhar a criação de três filhos que ele trazia do primeiro casamento, pois o quarto rebento foi adotado pelo desembargador Bonifácio e sua esposa Izabel Granjeiro, irmã do Francisco:

Realizou-se hontem, ás dezessete horas nesta capital, o enlace matrimonial do snr. Francisco de Mattos Granjeiro com a professora normalista da capital senhorita Dorvalina Baptista, filha do falecido coronel Luiz Anselmo Baptista. O acto civil com religioso foi paramniphado, por parte do noivo, pelo comandante Raymundo Felix de Miranda e sua esposa d. Amelia Silveira Bonates de Miranda e, por parte da noiva o desembargador Bonifacio de Almeida e sua esposa, d. Izabel Granjeiro de Almeida [80].

Casou-se com um viúvo com 4 filhos: Hilda já mocinha com 15 anos, Tito com 12 anos, Lauro com 9 anos e Lúcio 3 anos, esse criado pela tia Sinhá e o Desembargador Bonifácio [44].

Nessa época, Granjeiro já trabalhava nos Correios e convivia com as constantes viagens para o interior do Estado, distribuindo correspondência e realizando a repressão ao contrabando [81]. Encontrou-se o registro de muitas viagens tais como esta: “O agente embarcado Francisco de Mattos Granjeiro seguiu para os rios Solimões e Javary, no vapor Belem, em serviço de fiscalização e distribuição de correspondência” [82]. Essas viagens deviam ser insalubres, pois as licenças médicas [83] eram frequentes: “Por intermédio do diretor geral dos correios foi encaminhado ao ministro da viação o requerimento de Francisco de Mattos Granjeiro, agente embarcado dos correios pedindo seis meses de licença” [84]. Nos anos de 1930, mantendo o status de funcionário federal, deixou seu trabalho no Correio Marítimo e passou a atuar no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) [85].

Na Figura 1, a seguir, está registrada uma fotografia da família Granjeiro, e uma peculiaridade chama a atenção: a disposição dos seus membros foge a modelagem padrão das fotos dessa época. Numa sociedade, androgênica e patriarcal, o marido posava no centro, de pé, com a esposa sentada a sua frente, rodeados pela prole. Nesse *fac simile*, a figura central é a matriarca Dorvalina, ladeada pelo esposo e pelo enteado mais velho, Lauro; a sua frente as filhas menores e a enteada Hilda. Um simbolismo muito evidente das características da sua personalidade destacadas pela família: força, coragem e determinação.

Como dito anteriormente, Francisco e Dorvalina casaram-se com uma prole já constituída, trazida pelo viúvo. Seu nome passou a ser Dorvalina Baptista de Mattos Granjeiro e juntos, tiveram duas filhas: Virginia e Tereza [1].

A primogênita **Virginia Baptista Granjeiro** nasceu no dia 23 de setembro de 1922, sendo motivo de alegria para o casal: “O sr. Francisco de Mattos Granjeiro e sua esposa dona Dorvalina Baptista Granjeiro, participaram-nos o nascimento da sua filha Virginia” [86]. Foi uma menina muito querida. Os seus aniversários eram noticiados nas colunas sociais [87]. Participava das

comemorações escolares, como exemplo, as performances do ano de 1928 quando, no dia da árvore, no grupo escolar Gonçalves Dias, ela apresentou “Os bombeiros”, uma cançoneta de Eustorgio Wanderley [88]; no festival de encerramento do ano letivo, como aluna do Jardim de Infância Visconde de Mauá, anexo do grupo escolar Barão do Rio Branco, recitou “o aniversário de Maria” [89].

Figura 1: Fotografia da Família Granjeiro.



Fonte: Acervo da família, enviado pela filha Leonilia Cantanhede Granjeiro.
Em pé: Lauro, Virgínia, Dorvalina e Francisco Granjeiro.
Sentadas: A menina Thereza e Hilda.

A bisneta Alessandra, confirma que da união de Dorvalina e Granjeiro nasceram duas filhas:

As filhas da Bisa Dorva e do Biso Chiquito foram Virgínia de Mattos Granjeiro, cujo nome foi dado em homenagem a mãe da Bisa, e Thereza Batista Granjeiro [em homenagem a mãe do bisavô]. Os filhos da Vovó Virgínia são Arestela Granjeiro Cantanhede, David Alberto Granjeiro Cantanhede, Leonilia Granjeiro Cantanhede e Jorge Aníbal Granjeiro Cantanhede [fez Faculdade de Economia], este último faleceu em um acidente de carro ainda muito jovem [aos 23 anos]. Infelizmente a Tia Tetê [Thereza] não teve filhos, mas após o falecimento de sua irmã mais velha, Virgínia, ela assumiu a guarda dos sobrinhos junto com a Bisa Dorva .

Os bisnetos são Thereza Renata, Leonardo Henrique e Thiago Felipe, filhos de Arestela [médica pneumologista, atualmente mora em Porto Velho]; Arthur Vicente e Fabrício, filhos de David [engenheiro civil, atualmente mora em Porto Alegre]; e, Marcone Pereira Granjeiro Filho e Alessandra Cantanhede Granjeiro, filhos de Leonilia Granjeiro Cantanhede [1].

Na programação do 28.º aniversário da Sociedade Amazonense de Professores, a Virgínia Granjeiro Cantanhede era a Bibliotecária no biênio 1958-1960 [90]. Ela casou com Raymundo Brasil Cantanhede, que também professava o Espiritismo:

Os filhos da mamãe [Virginia] nasceram na [rua] Monsenhor Coutinho, foi lá que o vovô morreu.

Nós morávamos com a vovó, vovô e a tia Tetê. Papai, Raymundo Brasil Cantanhede, tinha um Centro Espírita [...].

Pense, vovó viúva, mais uma prova de coragem e resignação. Mamãe ficou doente, eu tinha 7 anos; meu irmão mais novo 1 ano, o Jorge Aníbal. Mamãe doente de cirrose vovó tomou conta dos netos. A doença se instalou em mamãe porque quando ela esteve em Rondônia logo que se casou teve hepatite e não foi curada como devia, por ser uma doença nova e a cidade não tinha recursos. E voltou, vovó cuidou dos netos e de mamãe por 1 ano e meio, sem dormir direito. Mamãe tinha muita falta de ar, e dores, vovó guerreira à frente de tudo. Mamãe morreu eu tinha 9 anos e Jorge 2 anos, David com 11 anos e Arestela com 16 anos.

Mais uma prova de coragem para a guerreira vovó, cuidar dos netos até a formatura ou casamento.

Eu casei com 23 anos com o meu primo de 2.º grau Marcone Pereira Granjeiro e tive 2 filhos, Marcone Filho e depois de 14 anos nasceu Alessandra, não terminei a faculdade [44].

2.2. ATIVIDADES NA SOCIEDADE AMAZONENSE

Dorvalina, seguindo o alto padrão de uma família tradicional naquela época, teve a oportunidade de estudar música. Foi aluna da Academia Amazonense de Belas Artes, e era sempre bem avaliada pelas bancas examinadoras do Conservatórios de Música [91,92]. Gostava de desenhar, prazer que desenvolveu até onde a capacidade visual lhe permitiu, conforme o caderno de desenho, datado de 1976 (Anexos 1 e 2).

Como normalista, abraçou a educação infantil, após concluir os estudos. Aderiu à profissão que as mulheres tinham como modelo, pois uma das crenças mantida por muitos anos, foi a vocação feminina para o educar a infância. De acordo com Almeida [93],

[...] Essa imagética, que se estruturou no final dos oitocentos e persistiu ao longo do século XX, estava voltada principalmente para um simbolismo atávico ancorado no potencial de redenção pela pureza e amor ao próximo, atributos das quais as mulheres eram/são possuidoras e teve o efeito de maximizar a participação feminina na educação [...].

A Escola Normal do Amazonas tinha a finalidade de formar professores. Foi criada no ano de 1880, no governo de Manuel Satyro de Oliveira Dias, mas só veio a funcionar em janeiro de 1882. Seu primeiro diretor foi o Dr. Epiphânio José Pedrosa. No princípio, funcionou muito tempo em conjunto com o Liceu Provincial e o Asilo Orfanológico Elisa Souto. Teve a sua sede em imóveis variados, a saber: a primeira, como pode ser observada na Figura 2, funcionou no prédio do Hotel Casina; a segunda no Grupo Escolar Saldanha Marinho; depois no 2.º andar do Gymnasio Amazonense [94]; e por fim, nos anos de 1940, foi inaugurada a sede própria, denominada Instituto de Educação do Amazonas.

De acordo com a professora Assislene Mota, “a Escola Normal do Amazonas no ano de 1909 era dirigida pelo professor Benjamin Ferreira Valle, titular da cadeira de francês. Nesse período, a Escola Normal estava novamente funcionando nas dependências do Gymnasio Amazonense” [...] [94]. Seguindo a informação, nossa biografada estudou na Escola Normal, que funcionava no Ginásio Amazonense D. Pedro II, e não no IEA, como disse a sua neta Leonília Granjeiro: “D. Dorva [foi a] segunda professora primaria formada na 2.ª turma do Instituto de Educação de Manaus. Viu a

construção do Teatro Amazonas. Como era de uma família tradicional recebia convites para frequentar os concertos e festas no Ideal Clube” [44].

Figura 2: Primeira sede da Escola Normal do Amazonas.



Fonte: Álbum de fotografias do Estado do Amazonas (1905-1908).

Dorvalina Baptista iniciou os estudos como normalista no ano de 1907 [95]. Observa-se que algumas turmas formaram-se nos anos anteriores, descartando-se a possibilidade de Dorva fazer parte da segunda turma de normalistas. Concluiu o curso no ano letivo de 1909, com outras quatro alunas [96]. O encaminhamento ao estágio exigido pelo regulamento deu-se por meio do Ofício n.º 16, de 19 de janeiro de 1910, emitido pela diretoria geral da Instrução Pública [97], e ocorreu no Grupo Escolar José Paranaguá [98]. Chamou a atenção o registro da presença da estagiária Dorvalina, em um relatório de fiscalização recebida pela escola [99]. Por que esse destaque de incluir num relatório oficial o estágio de uma normalista, e ter a publicação no jornal? Possivelmente pela expressividade da sua família na sociedade da época.

Figura 3: Antigo Grupo Escolar Gonçalves Dias, na década de 1920.



Fonte: Álbum de fotografias do Estado do Amazonas (1905-1908).

A sua vida profissional, foi dedicada à educação infantil. A primeira nomeação ocorreu em abril de 1911: “Durante o impedimento da funcionaria effectiva, que se acha licenciada, foi nomeada a normalista, d. Dorvalina Baptista, para reger, interinamente, a escola do 1.º gráo grupo escolar <Saldanha Marinho>” [100]; tendo assumido o cargo de diretora no mês de maio seguinte [101]. Também atuou Grupo Escolar Gonçalves Dias, cuja fotografia pode ser apreciada na Figura 3 [102]: “Foi remetida ao governador do estado pela directoria da Instrucção Pública, a petição em que

a normalista dona Dorvalina Baptista, professora do grupo escolar Gonçalves Dias requereu noventa dias para tratamento de saúde” [103].

Figura 4: Antigo Grupo José Paranaguá, na década de 1920.



Fonte: Acervo do CCPA *apud* DUARTE, 2009, p. 160.

Vivenciou muitos problemas de saúde, passou por diversas licenças médicas, culminando com o pedido de afastamento definitivo no ano de 1938: “D. Dorvalina Baptista de Mattos Granjeiro, professora do grupo escolar José Paranaguá, solicitou sua aposentadoria no referido cargo, em vista do seu precário estado de saúde” [124]. Interessante observar que Dorva iniciou a sua vida profissional no Grupo José Paranaguá (Figura 4), como estagiária, e foi lá que requisitou a sua aposentadoria. Ao contrário do que se supôs Nobre & Nunes (2017), ao escrever o artigo sobre as mulheres pioneiras do Espiritismo, isso não significou que estivesse próxima a sua desencarnação. No mês de junho de 1960, apareceu numa lista de pagamentos publicada pela Secretaria de Economia e Finanças [105]. E, na atual pesquisa, descobriu-se que ela teve uma vida longa [91 anos], dedicada a criação dos filhos, dos netos e à prática da caridade.

Naquela época, as bancas examinadoras dos alunos eram compostas por professores de outras escolas. Dorva participou de inúmeras bancas, tendo como presidentes os professores: dr. Marciano Armond [106] Francisco Juliao de Aguiar [107] e Genesino Maciel. Na banca examinadora do Colégio Renascença, cuja diretora era Aura Henriques Gonçalves [nora do pioneiro Carlos Theodoro] teve a companhia da profa. Luiza [Luizinha] do Nascimento [108,109].

Sua presença em eventos no Palácio do Governo teve registros:

“As dezesseis horas de hontem o magistério publico do estado foi cumprimentar o dr. Pedro de Alcântara Bacelar sendo recebido no salao de honra pelo governador [...]. Dentre as professoras, que fizeram parte das manifestações podemos notar as seguintes:[...] Dorvalina Baptista” [...] [110].

Sua presença no magistério deve ter sido marcante, pois como algumas das normalistas do passado, foi homenageada, tendo o seu nome sido utilizado para denominar uma rua, no bairro do Japiim: Beco Professora Dorvalina Granjeiro, Japiim, Manaus/AM, CEP 69.078-220 [111].

Foi uma mulher cujo comportamento saía do lugar comum, pois apesar de sensível e ligada às artes como música e pintura, concomitante, praticava tiro ao alvo, um esporte que ainda hoje tem uma prevalência masculina: “No torneio de tiro ao alvo com carabina Winchester, arma de salão, em dez tiros, saíu vencedora a distintíssima senhorita Felisbella Guimarães, com quarenta pontos, seguindo-se-lhe as senhoras e [...] Senhoritas: Dorvalina Baptista com 28 pontos [...] [112].

Com essa formação plural, a sua vida foi intensa e vibrante. Contava muitos desses fatos do passado, às suas netas, durante os serões familiares: “Ela era muito divertida contando as histórias

dos almoços no Palácio do Governo [...], as festas de fim de ano no Ideal Club, as batalhas de confete no carnaval” [44].

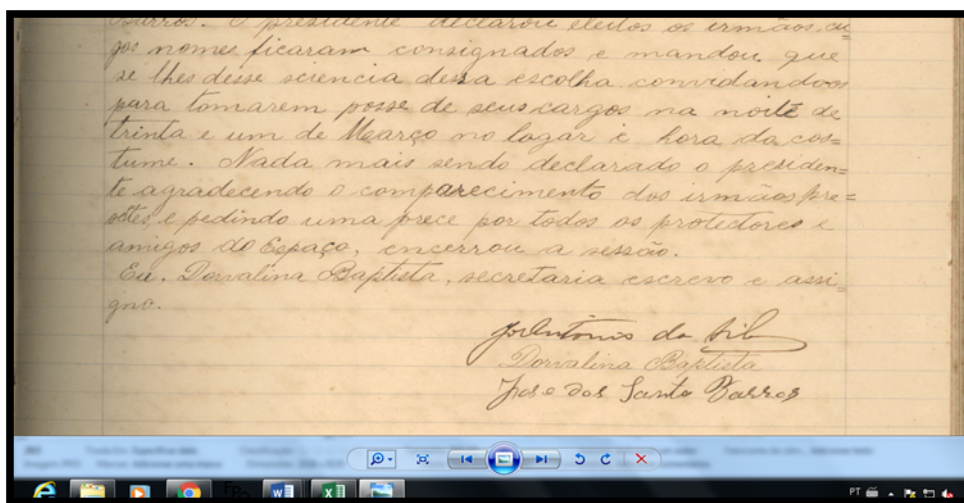
2.3. ATIVIDADES NO MOVIMENTO ESPÍRITA

Dorvalina deve ter sido conduzida à Federativa pelas mãos da sua genitora Virginia e do seu irmão Nilo. Sua primeira aparição registrada em ata aconteceu no ano de 1913, como membro da Comissão de Assistência aos Necessitados, ao lado da mãe [19].

No ano seguinte, foi eleita para o cargo de segunda secretária [20], e foi a sua ascensão a esse posto que chamou a atenção da pesquisadora, sobre a sua pessoa. Pois naquela época era comum a mulher atuar nas ações de caridade, tanto que, na FEA, todas eram vinculadas a Comissão supracitada. A exceção foi a Sra. Firmina Fontenelle, que era a esposa do presidente João Antonio da Silva⁶ quando assumiu o cargo de segunda tesoureira; mas ao assumi-lo, automaticamente presidiu a referida Comissão.

O ano de 1915 representou uma mudança no quadro diretivo da FEA. O longevo presidente João Antonio da Silva deixou a condução da Casa Máter, sendo eleito outro importante pioneiro, Carlos Theodoro Gonçalves. Nessa administração, Dorvalina Baptista foi alçada ao cargo de primeira secretária, um posto até então estritamente masculino, tendo ela redigido e assinado a ata da Assembleia Geral dessa eleição [21]. Entretanto, apesar da sua presença nas reuniões da diretoria, observou-se que das quatorze atas registradas no período de 21 de fevereiro de 1915 a 06 de fevereiro de 1916, ela redigiu quatro, as outras apenas assinou [22]. Destaque-se, na Figura 5, a beleza da sua escrita.

Figura 5: Fac símile da acta de Sessão de Diretoria, elaborada por Dorvalina Baptista.



Fonte: Federação Espírita Amazonense. Livro de Atas n.º 01, 06 de Fevereiro de 1916, p 149v.

O corpo diretivo do biênio 1916-1917 esteve sob a presidência de Manoel dos Santos Castro, o terceiro presidente da FEA, cuja biografia também será apresentada pela autora neste VI Simpósio FAK. Dorvalina atuou como segunda tesoureira, sendo alçada ao posto de presidente da Comissão de Assistência aos Necessitados [113,114]. Em 1917, numa sessão extraordinária de diretoria, o confrade Pedro Paulo Vieira das Neves manifestou-se sobre o fato de a referida Comissão não ter

⁶ NOBRE, Joselita C A de A. *João Antônio da Silva: primeiro presidente da FEA. In: IV Simpósio FAK: O espiritismo nas terras amazônicas: origens, realizações e compromissos.* Manaus: Fundação Allan Kardec, 2015.

desenvolvido as suas atribuições da prática da caridade até aquela data. Foi criada, então, uma comissão especial composta por Nilo Baptista, Pedro Paulo e Dorvalina, com a missão de angariarem recursos e distribuírem os donativos, de comum acordo com a presidência [115].

No ano de 1918, a nova diretoria foi presidida por Luiz Facundo do Valle⁷, dessa feita Dorvalina foi eleita como membro da Comissão de Assistência aos Necessitados [116]. O Relatório com a prestação de contas da sua gestão, como segunda tesoureira, demonstrou muita organização e a existência de movimentação de recursos financeiros no período, sendo deixado para trás aquele momento de inatividade, questionado anteriormente:

[...] o presidente declarou ter recebido da thesoureira Dorvalina Baptista o archivo, composto de caixa, livro de socios, indice e uma caderneta, accusando o saldo de um conto quinhentos e oitenta e tres mil quatrocentos e quarenta e seis reis, alem do relatorio em que se acham descritos todas as ocorrências.[...] [117].

Independente das suas ações na Federativa, a biografada demonstrou ser uma pessoa afeita às ações de caridade, como a noticiada no Jornal do Commercio, em 1919:

O inspector do Thesouro do Estado, em expediente de hontem mandou a contadoria as seguintes petições: [...] da Santa Casa de Misericordia requerendo que seja averbado para si a quantia relativa aos vencimentos de julho a agosto do anno de mil novecentos e dezoito, da professora publica Durvalina Baptista [118].

Essas ações de apoio ao próximo se estenderam por toda a sua vida, quer seja acolhendo em sua residência os interioranos em tratamento de saúde, quer fazendo donativos para a FEA ou para a “Casa da Criança”. A neta Leonilia, relembra dessas atitudes com muita emoção:

Vovó era muito caridosa, a casa sempre cheia de sobrinhos e pessoas do interior que vinham em tratamento de saúde. Ela ajudava com donativos a Federação Espírita, a Casa da Criança, [lembro que] a freira com chapéu grande vinha buscar os donativos todo o mês, ela recolhia roupas e brinquedos para doar [44].

Dorvalina manteve a sua vinculação com o Espiritismo durante toda a sua existência terrena, servindo de amparo e exemplo a todos que a rodeavam, tanto pelo seu comportamento cristão, pelos exemplos que dava, como pelos ensinamentos que passava em todas as oportunidades. Diz a neta: “Lembro bem pequena quando ela ia as preces espíritas e voltava maravilhada com as revelações dos espíritos de luz. [...] Ela tinha um dito que [me] acompanha [...] ‘não faça aos outros o que você não quer para você’ ” [44]. E Leonilia desfiou muitos ditados que a avó citava, no cotidiano, que lhes servem de referência nas situações da vida e nas relações com o próximo, até os dias de hoje.

Sua crença nos Espíritos fazia com que buscasse o socorro, quando os males físicos lhes causavam incômodo, já que a medicina não tinha, naquele momento recursos para lhe atender:

Vovó fez operações espíritas. A tia Tetê escreveu uma carta ao Centro Espírita Tupyara, no Rio de Janeiro, [pois] ela tinha uma hérnia e não podia operar aí os espíritos foram lá fazer a operação no dia marcado. Eu lembro que estávamos assistindo TV na sala de estar perto da porta do quarto dela e a porta abriu e fechou sozinha, levamos um susto, um arrepio, já éramos jovens, foi incrível. E ela ficou boa, os médicos comprovaram a operação. [44].

O seu comportamento altaneiro, a sua fé e as suas ações como espírita serviram de exemplo para a neta, que foi criada por ela. Leonilia e sua filha Alessandra seguem no Espiritismo até hoje:

⁷ NOBRE, Joselita C A de A. *Luiz Facundo do Valle: notícias de sua atuação no movimento espírita pioneiro*. In: IV Simpósio FAK: O espiritismo nas terras amazônicas: origens, realizações e compromissos. Manaus: Fundação Allan Kardec, 2017.

Eu e minha filha, já fizemos operações espirituais [...] e os tratamentos de água fluidificada. Frequentamos a Fundação Allan Kardec fazendo cursos. Alessandra ia fazer tratamento da enfermaria, até que foi resolvido fazer o tratamento aqui em São Paulo onde já tínhamos a nossa casa em Caçapava. Alessa operou em S. José dos Campos há três anos [...] e está fazendo tratamento com medicação e ajuda dos nossos amigos espirituais André Luiz e Bezerra de Menezes e seus enfermeiros. Sentimos suas presenças e agradecemos a Deus e a eles por nos ajudar em nossa jornada.

Saudades da vovó, do tempo que estivemos juntas, uma infância feliz, cheia de aprendizagem, muitas histórias e ensinamentos, [com ela] aprendi a ter Força, Coragem e Determinação [44].

3. APRENDIZADOS

A vida de cada criatura nos oferece experiências ricas. Conhecer a trajetória dessa pequenina Dorva me confirmou que a grandeza das criaturas, a sua trajetória como pessoa de bem, está calcada no esforço encetado para superar as adversidades. Independente das dificuldades vivenciadas, eu tenho que buscar seguir em frente de cabeça erguida. Doenças físicas, desafio comum a medida que a idade avança, não pode ser motivo de paralização. Avante!

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve o objetivo de apresentar notícias da pioneira do Espiritismo Dorvalina Baptista de Mattos Granjeiro, que foi para aqueles que a conheceram um exemplo de força, coragem e determinação.

Filha de família tradicional nasceu no Estado do Pará e chegou na cidade de Manaus ainda criança. No Amazonas cresceu, passou por muitas experiências, criou vínculos afetivos e desencarnou.

A sua formação plural, foi contemplada pelas artes do desenho e da pintura, pelo desporto, e pelo estudo de línguas estrangeiras. A sua vida social foi intensa. E, como a maioria das mulheres da sua época, formou-se normalista e atuou na educação infantil por muitos anos. Apesar de ter tido muitos problemas de saúde, aposentou-se aos 49 anos, após 30 anos de magistério.

Seu casamento tardio aconteceu aos 31 anos de idade, com o viúvo Francisco de Mattos Granjeiro, que trazia consigo quatro filhos. Assumiu a criação de três deles. O casal teve duas filhas, ampliando a prole. Seus cuidados com a família eram intensos, ela criou os enteados e as filhas com o mesmo zelo. Ficou viúva e sentiu muito a ausência do parceiro, tendo sido acolhida por alguns meses na casa do enteado Lucio Granjeiro na cidade de Fortaleza. Depois, enfrentou a doença e o desencarne da filha Virginia, assumindo a criação dos quatro netos, conduzindo-os até o casamento.

Manteve a sua ligação com o Espiritismo desde o início do século XX, até a sua passagem para a pátria espiritual no início dos anos de 1980. Pelos registros encontrados, atuou na diretoria da Federação Espirita Amazonense no cargo de secretária, função até então exercida por homens, como também teve ações na Comissão de Assistência aos Necessitados. Na sua vida, a prática da caridade e o amor ao próximo sempre estiveram presentes. Portanto, aquela pequena mulher, que viveu 91 anos de idade, durante a sua passagem terrena nesta encarnação foi para aqueles que a conheceram um exemplo de força, coragem e determinação.

5. REFERÊNCIAS

- [1] GRANJEIRO. Alessandra Catanhede. *Biografia de Dorvalina Baptista Granjeiro*. Entrevista concedida por correio eletrônico a Joselita Cármen Alves de Araújo Nobre. Caçapava (SP), 19 Abr 2019.
- [2] SALAS e Salões. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno 7, ed 2279, p 2, 7 Ago 1910.
- [3] PROVINCIA do Amazonas. Disponível em: <dd.org.br/acervo/provincia-do-amazonas/>. Acesso em: 25 Mai 2019.
- [4] MANÁOS Social. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno XV, ed 5066, p 1, 2 Jun 1918.
- [5] OFFICIO. *Estrella do Amazonas*. Manaus (AM), ed 365, p 2, 2 Abr 1859.
- [6] OFFICIO. *Estrella do Amazonas*. Manaus (AM), ed 376, p 3, 25 Mai 1859.
- [7] EDITAES. *Amasonas*. Manaus (AM), anno III, ed 124, p 3, 3 Out 1868.
- [8] EXPEDIENTE. *Amasonas*. Manaus (AM), anno VII, ed 463, p 3, 8 Ago 1872.
- [9] LANÇAMENTO. *Estrella do Amazonas*. Manaus (AM), ed 270, p 3, 20 Fev 1858.
- [10] SALAS e salões. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno 5, ed 1417, p 2, 5 Mar 1908.
- [11]
- [12] SALAS e salões. *Correio do Norte*. Manaus (AM), anno I, ed 38, p 1, 6 Mar 1906.
- [13] PROGRAMA. *Amasonas*. Manaus (AM), anno XVII, ed 781, p 4, 11 Out 1882.
- [14] FEDERAÇÃO Espírita Amazonense. Manaus (AM). *Acta da Sessão de Assembleia Geral*, de 29 de Abril de 1906, p 71v.
- [15] _____. Manaus. *Acta da Sessão de Assembleia Geral*, de 03 de Março de 1907, p 88v.
- [16] _____. Manaus (AM). *Acta de Sessão de Assembleia Geral*, de 21 de Fevereiro de 1909, p 112v.
- [17] _____. Manaus (AM). *Acta de Sessão Commemorativa*, de 21 de Fevereiro de 1910, p 118v.
- [18] _____. Manaus (AM). *Acta de Sessão Commemorativa*, de 21 de Fevereiro de 1911, p 127.
- [19] _____. Manaus (AM). *Acta de Sessão de Diretoria*, de 21 de Fevereiro de 1912, p 131v.
- [20] _____. Manaus (AM). *Acta de Sessão de Diretoria*, de 21 de Fevereiro de 1913, p 132v.
- [21] _____. Manaus (AM). *Acta de Sessão de Diretoria*, de 22 de Março de 1914, p 136.
- [22] _____. Manaus (AM). *Acta da Sessão de Assembleia Geral*, de 21 de Fevereiro de 1915, p 136v.
- [23] _____. Manaus AM). *Acta de Sessão Commemorativa*, de 21 de Fevereiro de 1916, p 149v.
- [24] ENFERMA. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), ed 4188, p 1, anno XXII, 21 Dez 1915.
- [25] MANÁOS Social. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), ed 4706, p 1, anno XIV, 1 Jun 1917.
- [26] MANÁOS Social. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), ed 5066, p 1, anno XV, 2 Jun 1918.
- [27] FEDERAÇÃO Espírita Amazonense. Manaus (AM). *Acta de Sessão Commemorativa*, de 17 de Abril de 1908, p 104v.
- [28] EDITAES. *Jornal do Amazonas*. Manaus (AM), anno 2, ed 128, p 2, 7 Set 1876.
- [29] INTENDENCIA. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno II, ed 420, p 2, 28 Abr 1905.

- [30] OFFICIOS. *Amasonas*. Manaus (AM), anno I, ed 34, p 1, 6 Fev 1867.
- [31] PARTE Official. *Jornal do Amazonas*. Manaus (AM), anno I, ed 16, p 1, 15 Jul 1875.
- [32] INTENDENCIAS. *Diario de Manaos*. Manaus (AM), ed 52, p 1, anno II, 4 Set 1891.
- [33] EDITAES. *Amasonas*. Manaus (AM), anno III, ed 142, p 4, 16 Jan 1869.
- [34] JOSÉ Justiniano. *Amasonas*. Manaus (AM), anno III, ed 146, p 4, 6 Fev 1869.
- [35] EDITAES. *Jornal do Rio Negro*. Manaus (AM), anno II, ed 40, p 2, 16 Fev 1868.
- [36] OFFICIOS. *Amasonas*. Manaus (AM), anno IV, ed 189, p 3, 17 Out 1869.
- [37] CAMARA. *Amasonas*. Manaus (AM), anno VI, ed 432, p 3-4, 6 Mai 1872.
- [38] ASSEMBLEA. *Jornal do Amazonas*. Manaus (AM), anno VI, ed 380, p 1, 28 Jan 1880.
- [39] INTENDENCIAS. *Diario de Manaos*. Manaus (AM), anno II, ed 52, p 1, 4 Set 1891.
- [40] CURSO Nocturno. *Jornal do Amazonas*. Manaus (AM), anno II, ed 92, p 1, 19 Abr 1876.
- [41] PRODUCTO. *Amasonas*. Manaus (AM), anno VI, ed 414, p 3, 6 Mar 1872.
- [42] ESTATUTOS. Abolicionista do Amazonas. Manaus (AM), anno I, ed 4, p 3, 4 Mai 1884.
- [43] SALAS e salões. *Correio do Norte*. Manaus (AM), anno III, ed 632, p 2, 5 Mar 1911.
- [44] MAOSOLEU. *Correio do Norte*. Manaus (AM), anno II, ed 513, p 1, 11 Ago 1910.
- [45] CANTANHEDE, Leonilia Granjeiro. *Manuscrito*. Caçapava (SP), 19 Abr 2019.
- [46] INSTRUCÇÃO Publica. *A Capital*. Manaus (AM), anno I, ed 150, p 2, 15 Dez 1917.
- [47] VARIAS. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno XXIV, ed 8169, p 1, 22 Abr 1927.
- [48] DIARIO Official. Manaus (AM), anno IV, ed 744, p 3, 4 Jun 1896.
- [49] VIAJANTES. *Correio do Norte*. Manaus (AM), anno III, ed 661, p 1, 8 Abr 1911.
- [50] Mensagens do Governador para a Assembleia do Amazonas. Manaus (AM), anno 1902, p 723.
- [51] Mensagens do Governador para a Assembleia do Amazonas. Manaus (AM), anno 1902, Quadro 6.
- [52] EXPEDIENTE. *Correio do Norte*. Manaus (AM), anno III, ed 632, p 2, 5 Mar 1911.
- [53] SALAS e salões. *Correio do Norte*. Manaus (AM), anno III, ed 712, p 1, 9 Jun 1911.
- [54] SALAS e salões. *Correio do Norte*. Manaus (AM), anno III, ed 690, p 2, 14 Mai 1911.
- [55] EM URICURITUBA. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno XVII, ed 5631, p 1, 5 Jan 1920.
- [56] ESCOLA Normal. *Diario Official*. Manaus (AM), anno VII, ed 1625, p 16580, 19 Jul 1899.
- [57] GYMNASIO. *Diario Official*. Manaus (AM), anno VIII, ed 1625, p 18896, 31 Jul 1900.
- [58] Relatorios dos Presidentes dos Estados Brasileiros. Manaus (AM), 1903, p 120.
- [59] VARIAS Notas. *A Capital*. Manaus (AM), anno II, ed 461, p 2, 20 Out 1918.
- [60] VARIAS. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno XVIII, ed 6140, p 1, 23 Mai 1918.
- [61] VARIAS. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno 6, ed 1948, p 1, 2 Set 1909.
- [62] OMNIBUS. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno XIV, ed 4590, p 1, 5 Fev 1917.
- [63] NOTICIARIO. *Correio do Norte*. Manaus (AM), anno III, ed 51, p 1, 21 Mar 1906.

- [64] ACTOS Officiaes. *Diario Official*. Manaus (AM), ed 1974 , p 19439, anno VIII, 4 Out 1900.
- [65] CONGRESSO. *Correio do Norte*. Manaus (AM), anno III, ed 665, p 2, 9 Mai 1911.
- [66] VARIAS. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno IX, ed 2371, p 1-2, 17 Abr 1912.
- [67] FEDERAÇÃO ESPÍRITA AMAZONENSE. Manaus (AM). *Acta da 21ª Sessão*, de 02 de Outubro de 1904, p 18.
- [68] _____. Manaus (AM). *Acta da Sessão de Assembleia Geral*, de 21 de Fevereiro de 1917, p 154v.
- [69] _____. Manaus (AM). *Acta da Sessão de Diretoria*, 23 de Dezembro de 1934, p 21-23.
- [70] MANÁOS Social. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno XXII, ed 7545, p 1, 22 Abr 1925.
- [71] ALISTAMENTO eleitoral. *Diario Official*. Manaus (AM), anno V, p 10938, 10 Jun 1897.
- [72] POR NOTÍCIAS. *A Federação*. Manaus (AM), ed 391, 26 de julho de 1899.
- [73]
- [74] CLUB Athenas. *Diario de Manáos*. Manaus (AM), anno I, ed 233, p 2, 25 Fev 1891.
- [75]
- [76] DEMISSÃO. *Diario de Manáos*. Manaus (AM), anno II, ed 57, p 1, 12 Set 1891.
- [77]
- [78] REPARTIÇÃO. *Amasonas*. Manaus (AM), anno XXVIII, ed 3605, p 2, 12 Nov 1892.
- [79]
- [80] OS MORTOS. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), ed 7001, p1, anno XX, 20 Nov 1921.
- [81] EXAMES geraes. *Amasonas*. Manaus (AM), anno XXVIII, ed 3628, p 2, 14 Dez 1892.
- [82] Mensagens do Governador do Amazonas para a Assembleia. Manaus (AM), 1914, Anexo 01, p 74.
- [83] OS MORTOS. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno XXIV, ed 4629, p 2, 15 Mar 1917.
- [84] FEDERAÇÃO ESPÍRITA AMAZONENSE. Manaus (AM). *Acta de Eleição*, de 07 de Abril de 1918, p 161v.
- [85] CASAMENTOS. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno XVII, ed 5662, p 1, 6 Fev 1920.
- [86] VARIAS. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno XXI, ed 7083, p 1, 1 Fev 1924.
- [87]
- [88] VARIAS. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno XXV, ed 8318, p 1, 7 Fev 1928.
- [89]
- [90] VARIAS. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno XVIII, ed 6083, p 1, 5 Abr 1921.
- [91] VARIAS. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno XVIII, ed 6202, p 1, 2 Ago 1921.
- [92] VARIAS. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno XXIII, ed 8105A, p 2, 14 Jul 1926.
- [93] VARIAS. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno XXIV, ed 8105A, p 2, 9 Fev 1927.
- [94] VARIAS. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno XVII, ed 5790, p 2, 13 Jun 1920.
- [95] VARIAS. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno XVIII, ed 5962, p 1, 4 Dez 1920.

- [96] VARIAS. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno XXXVI, ed 11746, p12, 21 Mar 1939.
- [97] NASCIMENTO. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno XIX, ed 6919, p 1, 7 Out 1922.
- [98] MANÁOS Social. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno XXI, ed 7032, p 1, 23 Set 1924.
- [99] _____. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno XXV, ed 8512, p 1, 23 Set 1928.
- [100]
- [101] _____. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno XXXIV, ed 20286, p 1, 23 Set 1937.
- [102]
- [103] _____. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno XXV, ed 8433, p 1, 21 Jun 1928.
- [104]
- [105] _____. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno XXV, ed 8540, p 1, 26 Out 1928.
- [106] CUMPRINDO notavel. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno LIV, ed 16731, p 8, 8 Jul 1958.
- [107] Diario Official. Amazonas. Manaus (AM), anno VIII, ed 1906, p 18842, 7 Jul 1900
- [108] Diario Official. Amazonas. Manaus (AM), anno VIII, ed 1912, p 18881, 14 Jul 1900.
- [109] EXAMES. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno 6, ed 1942, p 2, 7 Ago 1909.
- [110] ALMEIDA. *Jane Soares de. As professoras do século XX: as mulheres como educadoras da infância*. Artigo pós-doutorado. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Coord/Eixo3/482.pdf>>. Acesso em: 12 Abr 2019.
- [111] MOTA. Assislene Barros da. *A Escola Normal do Amazonas: a formação de uma identidade (1889 - 1945)*. Tese de Doutorado. Universidade de Sorocaba. São Paulo, 2015. Disponível em: < http://educacao.uniso.br/producao-discente/teses/Teses_2015/assislene-b-mota.pdf>. Acesso em: 10 Abr 2019.
- [112] EXAMES. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno 6, ed 2056, p 2, 12 Dez 1909.
- [113] ESCOLA Normal. *Correio do Norte*. Manaus (AM), anno I, ed 316, p 1, 24 Dez 1909.
- [114] Mensagens do Governador do Amazonas para a Assembleia. Manaus (AM), 1910, p 177.
- [115]
- [116] Mensagens do Governador do Amazonas para a Assembleia. Manaus (AM), 1910, p 178.
- [117] VARIAS. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno 7, ed 2082, p 1, 16 Jan 1910.
- [118] VARIAS. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno 7, ed 2141, p 1, 17 Mar 1910.
- [119] VARIAS. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno VIII, ed 2513, p 1, 16 Abr 1911.
- [120] NOTICIARIO. *Correio do Norte*. Manaus (AM), anno III, ed 701, p 2, 27 Mai 1911.
- [121] VARIAS. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno XIV, ed 4680, p 1, 6 Mai 1917.
- [122] _____. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), ed 8396, p 1, anno XXV, 8 Mai 1928.
- [123] _____. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno XV, ed 5042, p 1, 9 Mai 1918.
- [124] _____. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno XXXV, ed 11556, p 1, 5 Ago 1938.
- [125] _____. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno LVI, ed 17282, p 3, 21 Jun 1960.

- [126] _____. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno VIII, ed 2711, p 2, 7 Nov 1911.
- [127] _____. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno VIII, ed 2715, p 1, 11 Nov 1911.
- [128] INSTRUÇÃO Publica. *A Capital*. Manaus (AM), anno I, ed 148, p 2, 13 dez 1917.
- [129] VARIAS Notas. *A Capital*. Manaus, ed 145, p 2, anno I, 10 Dez 1917.
- [130] _____. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno XIV, ed 4568, p 1, 12 Jan 1917.
- [131] GUIA MAIS. Disponível em: <<https://cep.guiamais.com.br/busca/professora+dorvalina+grangeiro-manaus-am>>. Acesso em: 13 Mar 2019.
- [132] DIVERTIMENTOS. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno 7, ed 2204, p 1, 23 Mai 1910.
- [133] VARIAS. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno XIII, ed 4289, p 1, 2 Abr 1916.
- [134] FEDERAÇÃO ESPÍRITA AMAZONENSE. Manaus (AM). *Acta da Sessão de Assembleia Geral*, de 21 de Fevereiro de 1917, p 154v.
- [135] _____. Manaus (AM). *Acta de Sessão Extraordinaria de Diretoria*, de 15 de Julho de 1917, p 158.
- [136] _____. Manaus (AM). *Acta de Eleição*, de 21 de Fevereiro de 1918, p 159v.
- [137] _____. Manaus (AM). *Acta de Eleição*, de 05 de Maio de 1918, p 163v.
- [138] VARIAS. *Jornal do Commercio*. Manaus (AM), anno XVI, ed 5295, p 1, 26 Jan 1919.

ANEXO 1

FAC SÍMILE DA CAPA DO CADERNO DE DESENHO DA
DORVALINA BAPTISTA DE MATTOS GRANGEIRO



ANEXO 02

FAC SÍMILE DE DESENHO REALIZADO POR
DORVALINA BAPTISTA DE MATTOS GRANJEIRO, AOS 84 ANOS DE IDADE, NO ANO 1976

